

## PRESTAÇÃO DE CONTAS E PATERNALISMO: ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NA DESPEDIDA DE LULA À NAÇÃO

Marcos Roberto Cândido<sup>i</sup>  
Fernando Aparecido Ferreira<sup>ii</sup>

**Resumo:** O perfil paternalista encarnado de forma explicitada pelo presidente Lula, ao final do seu mandato, representa a imagem edificada de um protetor dos trabalhadores. O orador em questão integra a história política democrática brasileira e exprime uma grande popularidade construída “nos braços do povo”. O discurso “Despedida à Nação”, exibido em forma de vídeo e veiculado na TV em rede nacional no dia 23 de dezembro de 2010, ainda que seja uma prestação de contas, expõe a sensação de que o governo havia atendido ao clamor popular. O objetivo deste artigo é depreender as estratégias argumentativas presentes nesse discurso. Sendo assim, o arcabouço teórico está associado às concepções da Retórica construídas por Aristóteles (2003), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) e Meyer (2007). As técnicas argumentativas aplicadas por Lula ressaltam o sentimento de identidade e intimidade entre o chefe de Estado e a população brasileira que assiste ao pronunciamento.

**Palavras-chave:** Argumentação. Retórica. Discurso Político. Paternalismo.

**Abstract:** The paternalistic profile incarnated explicitly by President Lula at the end of his mandate represents the consolidated image of a protector of workers. The speaker in question is part of the Brazilian democratic political history and expresses a great popularity built "in the arms of the people". The speech "Farewell to the Nation", exhibited in video and aired on TV on national broadcast on December 23, 2010, even though being an accountability report, exposes the feeling that the government had attended the popular clamour. The objective of this article is to uncover the argumentative strategies presented in this discourse. Thus, the theoretical framework is associated to the rhetorical concepts proposed by Aristotle (2003), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) and Meyer (2007). The argumentative techniques applied by Lula emphasize the feeling of identity and intimacy between the head of state and the Brazilian population that watches the statement.

**Keywords:** Argumentation. Rhetoric. Political speech. Paternalism.

---

i Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). Mestre em Linguística pela Universidade de Franca (UNIFRAN). E-mail: historia.marcos@gmail.com.

ii Docente da Universidade de Franca (UNIFRAN). Doutor em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: fferreiradg@uol.com.br.

## Introdução

A temática que envolve governantes e governados é um campo de estudo que pode contemplar várias ciências. Desde a Grécia Clássica, a intenção de compreender como governantes desejam ser vistos e quais estratégias se utilizam para atingir um auditório<sup>1</sup> estimulam os questionamentos dos pesquisadores. Um dos imponentes monarcas da história, Luís XIV, o Rei Sol, atentou para a importância das imagens produzidas no imaginário dos súditos. Estátuas e pinturas traduziam um homem poderoso, inviolável, divino e absoluto. A imagem do estado absolutista estava encarnada no personagem em questão. Sem discurso, não há política, ou seja, o discurso político contribui para o estabelecimento do espaço público e é condição necessária para o estabelecimento da “coisa pública”.

O Estado e as instituições vivem dos discursos políticos e dos meios de persuasão dos “homens públicos”. É por meio de seus discursos que o corpo administrativo de uma nação faz-se interpretar e permite ao auditório optar no momento de seu voto. As preferências eleitorais são estabelecidas a partir do discurso político. Para o campo da propaganda política eleitoral ou governamental, o bom discurso é aquele em que o orador seduz o auditório previamente e consegue a adesão dele a partir de sua defesa. Em um campo de imprecisão na vida cotidiana, o discurso político bem construído encaminha para a esperança.

A prática do discurso político contribui para construir a idealização dos atores políticos por eles mesmos, visando a alcançar os anseios da massa para solidificá-los por meio dos programas partidários. Ao expor problemas e oferecer sugestões, o discurso político conquista o apoio e a contribuição da população para que as investidas da máquina administrativa mostrem-se eficazes em benefício de todos. O orador, sabendo que o auditório quase sempre é muito disperso, procura transmitir em seus discursos gestos, atos e falas que estabeleçam a ligação e a afetividade necessárias para que a credibilidade seja garantida.

---

<sup>1</sup> Em retórica, o auditório é aquele ou o “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22).

“Despedida à Nação”<sup>2</sup> é o último pronunciamento oficial do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao final de seu segundo mandato presidencial. O discurso basicamente se concentra na sua pessoa falando ao povo brasileiro, num enquadramento em primeiro plano, com uma música de fundo. O cenário é um gabinete, com uma estante de livros ofuscada atrás da figura do presidente. O início do discurso, no formato audiovisual, traz o Palácio do Planalto ao fundo, além da bandeira do Brasil e o título “Despedida à Nação”. Uma contagem regressiva de cinco segundos, com imagens de crianças, adultos e idosos demonstrando felicidade, antecede o início da fala. Lula começa seu discurso agradecendo e expondo a passagem da faixa presidencial para Dilma, ressaltando a importância e a marca histórica desse momento. Por meio de exemplos de sua vida pessoal e política, destaca a participação de cada brasileiro no que ele apresenta como um processo positivo de crescimento econômico, político e social durante seus dois mandatos.

O discurso segue expondo as obras, programas e projetos realizados entre os anos de 2003 e 2010, nas mais diversas áreas da administração pública: saúde, educação, tecnologia, estradas, indústria, energia, etc. Imagens, gráficos e textos aparecem com o propósito de reafirmar a fala do presidente durante a explanação. Lula, durante essa parte do discurso, destaca os programas sociais criados durante o período, em especial, o programa Bolsa Família. A enumeração dos atos governamentais termina com a exaltação do Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. Os minutos finais são dedicados a pedidos de apoio à presidente eleita, seguidos do agradecimento pelo companheirismo e de uma promessa de estar sempre junto ao povo brasileiro.

As técnicas argumentativas empregadas na construção do discurso buscam convencer o auditório de que o orador obteve um resultado positivo em seus mandatos. Porém, como é um discurso produzido como uma propaganda governamental, imagens, gráficos, números e trilha sonora completam esse discurso e garantem a mobilização do imaginário coletivo.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=M863\\_v7baSk](http://www.youtube.com/watch?v=M863_v7baSk)>. Acesso em: fev. 2015. A transcrição completa do discurso pronunciado nesse vídeo – utilizada neste trabalho – encontra-se disponível no site da Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/20-mandato/2010/20-semester/23-12-2010-pronunciamento-a-nacao-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv-por-ocasio-do-final-de-ano/view>>. Acesso em: fev. 2015.

Sem medo de revelar ou despertar emoções, do exórdio à conclusão, verifica-se a construção de um discurso que soa como verdadeiro frente ao auditório.

## 1 O *ethos* de Lula

A construção da imagem do sujeito político por ele próprio é essencial para garantir a aceitação de sua pessoa como governante eficiente, austero, sério e competente. O marketing político trabalhou a figura de Lula para construir seu carisma e convencer a população brasileira sobre sua capacidade de liderança social. Para se sustentar politicamente, Lula se utilizou do discurso político como elemento importante na construção de seu *ethos*. Quando o povo deseja mudança, ele apresenta-se como a mudança. Quando o povo quer credibilidade, apresenta números de realizações, apoiados por expressões enfáticas, como “nunca na história desse país”. Quando o povo quer afago, coloca-se como a esperança. Quando o povo está indefeso, quer ser o protetor. Quando o povo está sozinho, promete a salvação. É a linguagem em ação e a serviço da construção de uma imagem.

O discurso político é amplo em sua forma de comunicação e direciona-se aos indivíduos aos quais pretende fazer chegar suas mensagens. A capacidade persuasiva manifesta-se em comícios, passeatas, spots de rádio e programas televisivos, entre outros espaços e recursos que contribuem para a idealização do orador, para a construção de seu *ethos*. Para Meyer (2007, p. 34) “o *ethos* é uma excelência que não tem seu objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, o que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e segui-lo”. A retórica do discurso político assenta-se bem no que diz Meyer, ou seja, é pela concretização da fala do orador que o auditório decide por este ou aquele candidato, aprova ou desaprova um governo, segue ou abandona um posicionamento.

De acordo com Meyer (2007, p. 48) “o *ethos* se apresenta ao auditório e visa captar sua atenção a respeito de uma questão”. Nem sempre os discursos produzem os efeitos esperados, mas é importante que o orador estabeleça o caminho pelo qual pretende promover a identificação do auditório consigo. Para tanto, é necessário que o orador apresente credibilidade, sensatez e simpatia. Reboul (2004, p.48) observa que “o fato de alguém parecer sincero, sensato e simpático, sem o ser, é moralmente constrangedor; no entanto, ser

tudo isso sem saber parecer não é menos constrangedor, pois assim as melhores causas estão fadadas ao fracasso”.

O discurso proferido pelo presidente Lula, em 23 de dezembro de 2010, ratifica o *ethos* do presidente lutador, perseverante e companheiro. O referido *ethos* foi utilizado em quase todo o período em que o político esteve à frente do governo do estado brasileiro. Cartazes, *outdoors*, comícios, bandeiras e *spots* apresentaram o homem que saiu das condições miseráveis e soube superar os preconceitos e desencontros para se tornar o comandante maior de uma nação. O público que o assiste às vésperas do Natal de 2010 configura-se como um auditório universal. Homens e mulheres de diferentes lugares, classes sociais e histórias de vida. Lula não tem controle total das variáveis expostas acima, portanto, fala de maneira geral com um alvo específico: os beneficiários de sua política social, desenvolvida durante o seu mandato.

O discurso proferido em dezembro de 2010 constrói um *ethos* do governante sempre preocupado com os desvalidos da pátria, o que lhe oferece crédito e justifica sua posição como sendo o “único” capaz de mudar as mazelas sociais dos menos privilegiados. O orador toma uma linguagem nitidamente social, porém sustenta o argumento de que se trata de um governo que, alinhado a um projeto realizador, trabalha em benefício daquele que mais precisa, transformando a sua realidade.

Administrando de maneira afirmativa sua fala e amparado pela linguagem audiovisual, em seu discurso de despedida, Lula destaca-se pelo controle de seu relacionamento com o auditório, embora fisicamente distante dele. As expressões saem das telas e chegam a cada brasileiro como se o próprio presidente estivesse presente no interior de suas residências, abraçando-os, protegendo-os e afiançando o governo que virá, por meio do *slogan* que reitera: a esperança continuará a vencer o medo.

## **2. Prestação de contas e paternalismo: estratégias argumentativas na despedida de Lula**

A apresentação dos argumentos no discurso político atende ao gênero deliberativo, tipo no qual, de acordo com Aristóteles (2005, p. 290), é adequado utilizar a exemplificação. Além disso, esse gênero evidencia atenção ao que se diz, pois se algo é dito falsamente, colocará em risco todo o restante do discurso. Sabendo que o gênero deliberativo refere-se ao futuro, esse é um

cuidado necessário para o discurso político, pois, demasiadas vezes visualizamos um orador embaraçado, sendo acusado, embora haja falta de provas, ou ainda, pretendendo desviar-se de acusações relativas às causas de sua fala. Ademais, o discurso político deve apontar para o estímulo a fazer ou não fazer algo, ou seja, escolher entre o conveniente e o prejudicial.

Quando nos referimos aos discursos políticos de Lula, sabemos da importância que exerce a disposição e o desenrolar dos argumentos apresentados. A obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca fornece-nos elementos essenciais para compreender as estratégias argumentativas que produzem a eficácia do discurso desenvolvido no vídeo “Despedida à Nação”. O *Tratado da Argumentação* apresenta-se como uma lógica de probabilidade que se realiza por meio dos argumentos baseados na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real, visando com veemência à adesão do auditório.

Aumentar a intensidade da adesão, eis a tarefa primordial do orador na argumentação, por isso partilha com o auditório a possibilidade da anuência e um futuro posicionamento negativo ou positivo sobre as ações. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 5), um raciocínio pode convencer sem ser calculado, pode ser rigoroso, sem ser “científico”.

## 2.1 Os argumentos quase-lógicos

O discurso “Despedida à Nação” apresenta alguns elementos que podem ser identificados como argumentos quase-lógicos. Por que quase-lógicos? Pois apesar do esforço da demonstração formal, quem analisa percebe as diferenças entre as argumentações e as demonstrações formais.

O que caracteriza a argumentação quase-lógica é, portanto, seu caráter não-formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal [...] em todo argumento quase-lógico convém pôr em evidência, primeiro, o esquema formal que serve de molde à construção do argumento, depois, as operações de redução que permitem inserir os dados nesse esquema e visam torná-los comparáveis, semelhantes, homogêneos (PERELMAN; OLBRECTHS-TYTECA, 2005, p. 220).

Introduzimos nossa análise nesse quesito falando sobre a estrutura lógica da contradição. Nos princípios do “Tratado da Argumentação” esse elemento é considerado uma incompatibilidade do discurso. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 222) sustentam que a incompatibilidade está



vinculada à retorção e depende da natureza das coisas e das decisões humanas. No discurso em questão descobrimos a autofagia, no qual o argumento utilizado se desfaz por si mesmo. No transcorrer do discurso, o orador cita que o Brasil tem hoje um dos maiores e mais modernos programas de transferência de renda do mundo. Lula diz que entre estes programas está “[...] o Bolsa Família, que beneficia quase 13 milhões de famílias pobres e é aplaudido e imitado mundo afora”. Porém a autofagia deste argumento aparece no trecho em que Lula diz: “Geramos 15 milhões de empregos, um recorde histórico, e hoje começamos a viver um ciclo de pleno emprego”.

Partindo de um pressuposto simples: como um país que possui um programa de transferência de renda (Bolsa Família), atendendo em 2010 a faixa de 13 milhões de famílias pobres, pode ter uma situação de pleno emprego? Considerando que a renda familiar é fator eliminatório do programa Bolsa Família, os argumentos são incompatíveis. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 228-233), a autofagia é um tipo de incompatibilidade, na qual a generalização de uma regra conduziria ao impedimento da sua aplicação, à sua destruição e ao princípio da não-contradição – ato que implica o que as palavras negam, uma vez que uma proposição pode ser a negação da outra. Isso é evidente nos trechos acima expostos. A contradição é apontada como incompatibilidade a partir do momento em que, interpretando o texto, o auditório decide apoiar ou renunciar aos argumentos.

O programa Bolsa Família permite uma sensação de autonomia financeira ao distribuir os recursos aos seus atendidos. Porém, não supera a exploração do trabalhador, pois o consumo decorrente dos benefícios adquiridos por meio do programa não somente sustenta como alimenta o sistema de tributos do país, incidindo sobre os contribuintes. Eis o elemento lógico do argumento em contradição. Portanto, a tese defendida por Lula, de que chegamos à situação de pleno emprego, não se sustenta pelas afirmações de que o país atende a 13 milhões de família pelo assistencialismo do programa Bolsa Família.

No discurso de despedida de Lula, percebe-se ainda outro tipo de argumento, aquele fundamentado na natureza das coisas, denominado argumento de reciprocidade. As condições de aplicação de argumentos de reciprocidade não são puramente formais e dependem da apreciação de elementos que distinguem situações. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 251) advogam que “baseados nas relações entre o antecedente e o

consequente de uma mesma relação, parecem, mais do que quaisquer outros argumentos quase-lógicos, ser ao mesmo tempo formais e fundados na natureza das coisas”.

Tomemos como exemplo de argumento de reciprocidade o seguinte trecho do discurso de despedida: “Fortalecemos a economia sem enfraquecer o social; ampliamos a participação popular sem ferir as instituições; diminuimos a desigualdade sem gerar conflito de classes [...]”. As argumentações de Lula registram a aplicação simétrica fundamentada na reciprocidade. Segundo o orador, nenhuma conquista desprestigiou um grupo em detrimento do outro, aliás, em suas palavras, as conquistas vieram pela justiça aplicada a todas as pessoas e instituições do país. Para apresentar o que foi justo aos olhos da sociedade, Lula usufruiu da simetria nos argumentos, ponderando com reciprocidade, o que “permite eliminar certos fatores, como o prestígio de um dos interessados, capazes de falsear a simetria” (PERELMAN; OLBRECTHS-TYTECA, 2005, p. 252).

As condições de aplicação de argumentos de reciprocidade não são puramente formais e dependem da apreciação de elementos que distinguem situações. Sem disputas entre os grupos e, segundo Lula, imerso em uma rede de dependência mútua, o Brasil teria superado os embates entre crescimento e distribuição de renda, entre o povo e as instituições de direito, entre igualdade e a luta de classes e entre a ação do estado e a liberdade democrática.

É visível ainda, no discurso “Despedida à Nação”, o emprego dos argumentos de transitividade (inclusão, divisão e comparação), apoiados em regras matemáticas. Para criar noções de integração, superioridade e paridade, o orador utiliza-se de mecanismos para persuadir e convencer o auditório. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 262-265), os argumentos quase-lógicos da inclusão da parte no todo se limitam a confrontar o todo como uma de suas partes, não atribuindo nenhuma qualidade particular a certas partes nem ao conjunto: tratam como igual cada uma de suas partes; analisam-se apenas as relações que permitem uma comparação quase-matemática entre o todo e suas partes.

Variados trechos do discurso “Despedida à Nação” apontam para o papel do governo frente às conquistas do povo brasileiro, como identificamos neste trecho: “Construímos, juntos, um projeto de nação baseado no desenvolvimento com inclusão social, na democracia com liberdade plena e na



inserção soberana do Brasil no mundo”. E, ainda, no trecho: “Se governamos bem, foi, principalmente, porque conseguimos nos livrar da maldição elitista que fazia com que os dirigentes políticos deste grande país governassem apenas para um terço da população [...]”. Ao individualizar as realizações, Lula se coloca como mediador dos conflitos sociais existentes no país, ao mesmo tempo em que, por meio de verbos na primeira pessoa do plural, pressupõe que as conquistas foram ações conjuntas da população e do governo.

Como se observa, em nenhum momento realça as partes, apenas qualifica a importância do todo na construção do país. É uma forma de provocação do auditório que passa a aderir ao orador pela aproximação e pela sensação de que está inserido no processo, apresentado pelo presidente no discurso. A sensação de estar inserido na proposta produz efeito de grupo, de união e companheirismo. Esses fatos são explorados retoricamente por Lula em toda a sua trajetória política.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 265-274) afirmam que, no argumento por divisão, as partes devem poder ser relacionadas de um modo exaustivo, mas que podem ser escolhidas como se quiser e de modo muito variado, contanto que sejam suscetíveis, mediante sua adição. A divisão possibilita tirar uma conclusão sobre o todo, depois de se ter analisado cada uma das suas partes. Todos os argumentos por divisão implicam evidentemente, entre as partes, certas relações que fazem que a soma delas seja capaz de reconstituir o conjunto. Lula esforça-se para provar a existência da ideia de conjunto, como no trecho: “Minha fé se alicerça em três fundamentos: as riquezas do Brasil, a força do seu povo e a competência da presidenta Dilma”.

Após relatar as conquistas alcançadas durante seu governo, Lula orienta-se na divisão do todo em suas partes, garantindo, por meio dos argumentos que apresenta no trecho destacado, a continuidade dos projetos como uma certeza. A afinidade entre as partes citadas pelo presidente alcançou o conjunto da obra, ou seja, garantir as conquistas alcançadas e avançar para o crescimento. A soma dos três elementos confirma a importância da adição para estabelecer uma ideia de todo, como descrita por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 266), “o mais das vezes, porém, ele se converte em argumento por divisão, pois encaramos as espécies como reconstruindo, com sua adição, o gênero”.

Seguindo a linha da argumentação quase-lógica, o discurso de despedida apresenta os argumentos de comparação. Expostos como constatações de fatos, são diferentes dos argumentos de identificação ou de raciocínio por analogia, e podem ocorrer por oposição, ordenamento ou ordenação quantitativa.

A escolha dos termos de comparação deve levar em conta o acordo prévio com o auditório. O argumento de comparação é uma constante nas falas do presidente em sua vida política, principalmente, no que se relaciona aos seus antecessores. Não poderia faltar no discurso de despedida, como identificamos no trecho: “Inauguramos 214 escolas técnicas federais, mais do que foi feito em 100 anos [...]”. A ostentação feita por Lula engrandece suas realizações ao mesmo tempo em que procura desqualificar os governos anteriores, como pode ser verificado no seguinte trecho do discurso: “Temos, quase 300 bilhões de dólares de reservas internacionais próprias – dez vezes mais do que tínhamos no início do nosso governo”.

Os trechos destacados podem ser interpretados como oposição ou ordenação quantitativa. É evidente a utilização do superlativo, com argumentos que promovem a excelência, o enaltecimento e a ostentação dos anos do governo Lula. O populismo brasileiro, inaugurado com Getúlio Vargas na década de 1930, é símbolo dessa ostentação. O então presidente Vargas concedia benefícios, mas poucos direitos, garantindo a manutenção da massa sob sua tutela, o que perpetuava a ideia de que somente ele poderia salvar a sociedade brasileira, principalmente os trabalhadores. Suas realizações eram exaltadas pelo seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Lula não é diferente. Com uma propaganda ainda mais organizada e um discurso afinado ao clamor popular, sente-se seguro ao comparar-se aos demais governantes do Brasil.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 279) apresentam o argumento de comparação como algo a manifestar-se igualmente pelo uso do superlativo. Assim, entendem que “este se expressa reputando algum objeto, seja superior a todos os seres de uma série, seja incomparável e, por isso, único em seu gênero”. O discurso “Despedida à Nação” tem a pretensão de apresentar um governo “único em seu gênero”, seguindo os desejos do orador.

Outro argumento quase-lógico presente no discurso em estudo é a argumentação pelo sacrifício. Do ponto de vista de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 282-290), o argumento pelo sacrifício é o típico argumento de

comparação que utiliza um sistema de trocas para medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício. Se o objeto do sacrifício é conhecido e seu valor é fraco, cai o prestígio dos que se sacrificaram. Estamos diante de algo utilizado demasiadamente pelo orador em questão. A própria narrativa de Lula já é uma história sustentada pelo argumento pelo sacrifício, o tal martírio do migrante-operário que virou presidente. O discurso está carregado desses argumentos, pois é preciso ressaltar a virtude do presidente nos oito anos de mandato, um verdadeiro sacrifício pelo povo brasileiro, como propõe logo no início do discurso, presente no trecho: “Foram oito anos de luta, desafios e muitas conquistas”.

Em outros trechos do discurso de despedida encontramos mais evidências de argumento pelo sacrifício: “Meu sonho e minha esperança vêm das profundezas da alma popular - do berço pobre que tive e da certeza que, com luta, coragem e trabalho, a gente supera qualquer dificuldade. E quando uma pessoa do povo consegue vencer as dificuldades gigantescas que a vida lhe impõe, nada mais consegue aniquilar o seu sonho, nem sua capacidade de superar desafios”.

Os trechos desejam destacar um Lula enfático sobre as dificuldades de administrar o país durante os dois mandatos presidenciais. De acordo com o orador, nada fora por acaso, havia um significado nessa luta: a vitória do povo brasileiro. Segundo o discurso, os caminhos trilhados tiveram alguns obstáculos tidos pelo orador como intransponíveis, mas superados dada a parcela de sacrifício do presidente que soube superar a dor e as adversidades para bem governar o Brasil, como também pode ser observado no trecho: “Foi com esta energia no peito que nós, brasileiros e brasileiras, afugentamos a onda de fracasso que pairava sobre o país quando assumimos o governo”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 284) postulam que “o valor do fim que se persegue através do sacrifício se transforma igualmente, no decorrer da ação, por causa dos próprios sacrifícios aceitos”. Para Lula não temos aqui a hipótese de um sacrifício inútil, o que desvalorizaria sua realização, mas sim um argumento pelo sacrifício com tom recompensador. A exaltação das cobranças, das lutas, dos desafios, do berço pobre e do fracasso são elementos compensatórios para que o sacrifício produzisse efeitos positivos. A cobrança virou estímulo para fazer mais. As lutas e desafios inspiraram coragem e esperança. O berço pobre se tornou a “manjedoura” da salvação.

O fracasso, outrora anunciado, foi superado pelo encontro do Brasil com o mundo globalizado e em desenvolvimento.

## **2.2 Os argumentos baseados na estrutura do real e os argumentos que fundamentam a estrutura do real**

Sobre os argumentos baseados na estrutura do real, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 298) confirmam que “o que nos interessa aqui não é uma descrição objetiva do real, mas a maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele concernentes; podendo estas, aliás, ser tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções”. O orador Lula vale-se da experiência para celebrar o acordo com o auditório.

Observa-se, no discurso “Despedida à Nação”, a presença de argumentos baseados na estrutura do real, entre estes, a causalidade. Ao relacionar dois acontecimentos sucessivos ou uma sucessão constante de fatos, pode-se chegar à causalidade, sem se preocupar com o rigor científico. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 300) elucidam que essas argumentações, sujeitas à intervenção do vínculo causal a partir de um dado acontecimento, podem aumentar ou diminuir a crença em algo que poderia lhe conferir valor científico de causa e efeito.

Tomemos como exemplo a citação feita no discurso: “Também estamos fazendo os maiores investimentos mundiais no setor de petróleo, principalmente a partir da descoberta do pré-sal, que é o nosso passaporte para o futuro”. Ao se referir aos investimentos realizados no setor petrolífero, considerando as possíveis riquezas recém-descobertas do pré-sal, Lula reproduz que esse é o nosso passaporte para a prosperidade econômica e também é a solução para as mazelas sociais. Por que é causal? O trecho do discurso provoca a “transferência do valor de uma consequência para a sua causa” (ABREU, 2009, p. 58).

Temos clara, na sequência anterior, a ideia de que o investimento efetivado e os que se ainda serão realizados servem para convencer o auditório de que o passaporte para a riqueza e a geração de empregos virão da lucrativa exploração da camada do pré-sal. O discurso político de Lula pretende mostrar que o auditório pode estreitar os laços com o orador, pois as consequências citadas inspiram satisfação nele. Podemos considerar o

argumento em questão como pragmático, principalmente, ao reportar aos efeitos a apreciação de um acontecimento.

A atividade de exploração do pré-sal não é uma tarefa simples, assim como não é nada suave vencer o desemprego e a falta de investimentos em saúde e educação. Porém, o trecho reproduzido do discurso apresenta essas conquistas desejáveis como algo que está sendo alcançado com pouco esforço e sugere ainda que tudo isso não fora feito até então pela inoperância dos governantes que o precederam.

O discurso de Lula é forte nos argumentos de superação, nos quais a finalidade tem papel essencial e ratifica algo que poderia ser inacessível, o que o transforma numa conquista maior, “um progresso sem fim”. As dificuldades aparecem como caminho e salvação. Observamos a utilização do argumento de superação, quando Lula diz: “Meu sonho e minha esperança vêm das profundezas da alma popular, do berço pobre que tive e da certeza que, com luta, coragem e trabalho a gente supera qualquer dificuldade. Quando uma pessoa do povo consegue vencer as dificuldades gigantescas que a vida lhe impõe, nada mais consegue aniquilar o seu sonho nem sua capacidade de superar desafios”. E no trecho a seguir temos praticamente uma síntese da superação: “E quando um país como o Brasil, cuja maior força está na alma e na energia popular, passa a acreditar em si mesmo, nada, absolutamente nada detém sua marcha inexorável para a vitória”.

Aqui o discurso indica que é possível ir mais longe. Todo o trabalho realizado até aquele momento poderá produzir ainda uma “marcha inexorável para a vitória”, pois, como salientam Perelman e Olbrechts-Tyteca, (2005, p. 328), “o que vale não é realizar certo objetivo, alcançar certa etapa, mas continuar, superar, transcender, no sentido indicado por dois ou vários pontos de referência”. Acreditar em si mesmo é superar desafios, eis a máxima de Lula para persuadir seu povo a confiar na sua energia para chegar ao sucesso esperado. Porém, para o orador é preciso coragem, luta e trabalho, elementos sistemáticos e eficazes para quebrar barreiras, transpor obstáculos. Apelar ao berço pobre parece óbvio para traduzir a dificuldade monstruosa que quebrar-se-á quando o povo acreditar em si mesmo. Então, algo que era obstáculo transforma-se em meio para as possíveis conquistas.

Lula apresenta-se como modelo através de um discurso prestigioso e recheado de números. A glorificação dos números impõe um modelo a ser seguido, conforme descrevem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 414) “o

modelo glorificado é proposto para a imitação de todos”. O discurso político de Lula é enfático no seu papel de modelo. As características de um homem revestido de esperança, lutas, companheirismo e coragem reforçam o modelo para os desprestigiados do Brasil. Assim, buscar o prestígio é seguir o modelo de Lula.

A habilidade do discurso político de Lula, proferido e veiculado às vésperas do Natal, também apresenta argumento de autoridade. Usando certa perspicácia, ele emprega o recurso da autoridade ao referir-se às conquistas e explicar o que, segundo ele, “brasileiros e brasileiras” fizeram para espantar o medo e a falta de esperança, conforme se verifica no trecho: “Foi com essa energia no peito que nós, brasileiros e brasileiras, afugentamos a onda de fracasso que pairava sobre o país quando assumimos o governo. Agora estamos provando ao mundo e a nós mesmos que o Brasil tem um encontro marcado com o sucesso”.

Para provar a tese do sucesso econômico do Brasil, Lula exalta o papel do povo no processo de consolidação da democracia, da economia e do mercado interno. Ele alerta que, para isso, brasileiros e brasileiras foram essenciais, pois “Ao receber ajuda e apoio, o nosso povo deu uma resposta dinâmica e produtiva, trabalhando com entusiasmo e consumindo com responsabilidade, ajudando a formar uma das economias mais sólidas e um dos mercados internos mais vigorosos do mundo”. O final do trecho é emblemático: a autoridade conferida ao povo pelo presidente Lula, associada ao governo e somada às características de entrega pelo trabalho, darão a vitória necessária ao Brasil.

Em variadas partes do discurso aparece o argumento pelo exemplo. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 406) conferem que “na argumentação pelo exemplo, o papel da linguagem é essencial”. Esse é um dos argumentos que não se baseia na estrutura do real, mas ao criá-la, permite compreender nexos não visualizados anteriormente. Abreu (2009, p. 60) diz que “argumentação pelo exemplo acontece quando sugerimos a imitação das ações de outras pessoas”. Seguir o exemplo do operário que virou presidente. Os percalços da vida fizeram a trajetória do migrante nordestino transformar-se, literalmente, em história de cinema<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Em 2009, foi lançada nos cinemas a produção nacional “Lula, o filho do Brasil”, dirigido por Fábio Barreto.



Depois das provações da vida, da luta sindical e das várias eleições disputadas, o orador destaca que a perseverança e a esperança o levaram à vitória eleitoral em 2002. É o menino de Garanhuns que deixou de ser mais um migrante nordestino em São Paulo para ser o presidente do Brasil, como citado no seguinte trecho do discurso de despedida: “É profundamente simbólico que a faixa presidencial passe das mãos do primeiro operário presidente para as mãos da primeira mulher presidenta”. É a argumentação pelo exemplo sendo usada para balizar as chances de as camadas excluídas fazerem parte da grandeza do país. O presidente reforça seu *ethos* tornando-se o exemplo a ser seguido. A vitória da presidente Dilma representa mais uma quebra de tradição. Um país que só elegera homens até então, coloca a faixa presidencial em uma mulher. “Excluídas” na sociedade, as mulheres são utilizadas como referendo para que todos os marginalizados possam sonhar e sonhar alto.

Outro argumento que fundamenta a estrutura do real e que aparece no discurso “Despedida à Nação” é o do raciocínio pela analogia. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 440), em algumas fases da argumentação, pode se aproveitar que uma “analogia parece aceita e pedir que se aceite também o seu desenvolvimento”. No discurso de Lula temos, por várias vezes, tal artifício sendo utilizado, como encontramos no trecho: “Se governei bem foi porque, antes de me sentir um chefe de Estado, me senti sempre um chefe de família, que sabia das dificuldades dos seus irmãos para colocar comida na mesa, para dar escola para seus filhos, para chegar em casa todas as noites a salvo dos perigos e da violência”.

O trecho citado é marcado pela argumentação analógica. Lula procura ser taxativo ao colocar que um chefe de família tem os compromissos de levar o pão de cada dia ao seu lar. Assim como o chefe de família é o chefe de estado (presidente) que tem a obrigatoriedade de garantir a milhares de pessoas seu sustento diário. Ao se comparar ao chefe de família, Lula quer reforçar sua preocupação paternal com o povo brasileiro, mas, ao mesmo tempo, garante que quem é capaz de gerir bem uma família é capaz de gerir bem o Estado. O argumento por analogia empregada nesse trecho do discurso suficientemente é forte para persuadir o auditório.

Para reafirmar ao auditório a responsabilidade do Governo pelo crescimento do país, Lula diz que se comportou como um brasileiro comum, um chefe de família e, principalmente, um homem do povo que se livrou das

amarras da sociedade elitista e, portanto, soube entender os clamores do povo brasileiro. Cada narrativa feita tem um toque do sofrimento do brasileiro ao tentar superar seus obstáculos de vida. Considerando que o discurso em questão foi ao ar no horário nobre da televisão, ao se comparar com um pai de família, Lula ganha atenção de um auditório que começou a luta diária no raiar do sol, trabalhou, enfrentou o trânsito e mal se alimentou. Portanto, esse público espectador se sente valorizado pelo discurso, pois Lula, por meio do argumento pela analogia, se agrupa a esse trabalhador.

A tese principal defendida pelo orador é mostrar a governabilidade como vitória de um projeto do povo brasileiro. Quando Lula menciona que “Se governamos bem foi, principalmente, porque conseguimos nos livrar da maldição elitista que fazia com que os dirigentes políticos deste grande país governassem apenas para um terço da população[...]”, o seu auditório pode ficar ainda mais satisfeito, pois o presidente destaca que o Brasil progrediu porque a renda, que antes era distribuída a poucos, agora pode pertencer à maioria do povo brasileiro: homens comuns e chefes de família.

É relevante considerar que o discurso político de Lula deixou as ruas e foi para as telas durante o seu mandato político. A referida analogia o aproxima dos homens comuns e chefes de família. Piovezani Filho (2007, p. 110) fala sobre o deslocamento do discurso político dos palanques para a televisão e destaca as questões relativas às noções de proximidade do discurso. A “distância próxima” se dá quando o discurso é proferido nas ruas, onde o auditório verifica a *performance* do político. Já a televisão considera a proximidade distante e, assim, o político está sujeito ao olhar apaixonado do eleitor, estabelecendo um encontro com a liderança, que também pode ser interpretado como ilusão, em decorrência do aproveitamento da capacidade de associar a imagem ao movimento e ao som.

### Considerações finais

O sentimentalismo é a tônica do último pronunciamento oficial de Lula, enquanto governante, para o povo brasileiro. Como o seu discurso de despedida tem caráter exibicionista, com marcas de elogios e intenção de provar o mérito, por isso notamos que a clareza se apresenta como um de seus elementos articuladores do discurso. A organização do texto, os termos empregados e a hierarquia estabelecida refletem a busca para angariar a

atenção do auditório em todo o decorrer das prestações de contas feitas pelo presidente da República.

O discurso aponta para as razões da credibilidade, identificadas pelo presidente Lula no âmbito de seus dois mandatos. A aparência de uma comunicação honesta e transparente viabilizou a construção do *ethos* do orador. A análise do discurso contido no vídeo “Despedida à Nação” nos permite concluir que Lula, por meio de uma oratória carismática e uma retórica eficiente, adaptou-se ao seu auditório, buscando a comunhão com o mesmo.

Os recursos argumentativos quase-lógicos acionados foram de comparação, reciprocidade, transitividade, sacrifício e autofagia. Esse último, ainda que indique um ponto frágil do discurso, não compromete a proposta do orador. Para os argumentos baseados e fundados na estrutura do real encontramos causalidade, superação, modelo, exemplo e analogia. A análise do derradeiro discurso de Lula nos proporcionou interpretar o processo de utilização desses argumentos para justificar a conclusão de que seu discurso é persuasivo. O arremate dos recursos argumentativos se alicerça na exposição que o presidente faz do desalento em que se encontrava o país e na superação alcançada por ele, considerado modelo da boa conduta de um “chefe de família”. As técnicas argumentativas empregadas por Lula visam ao relacionamento entre orador e auditório, destacando o companheirismo e a parceria com a população, marcas de líderes que fundam sua tese na “salvação” de seu povo.

Lula transfere seu *ethos* carismático para o discurso e, linguisticamente, fortalece a imagem de um orador que conhece o seu auditório e sabe o que este quer ouvir às vésperas do Natal. As técnicas argumentativas empregadas na construção do discurso buscam convencer o auditório do anunciado resultado positivo de seu mandato presidencial. Ao “celebrar” a ideia do salvador da Pátria no seu discurso de despedida, Lula procurou incorporar a imagem positiva frente às emoções e aos sentimentos do povo brasileiro, considerando, especialmente, as camadas menos favorecidas.

## Referências

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CÂNDIDO, Marcos Roberto; FERREIRA, Fernando Aparecido. Prestação de contas e paternalismo: estratégias argumentativas na despedida de Lula à nação. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 8, p. 188-205, jun.2015.

---

ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. Tradução de Introdução, notas e tradução do grego por Isis Borges B. Da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHETS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PIOVEZANI FILHO, Carlos. Políticas da voz no discurso político: efeitos da substância da expressão no horário de propaganda eleitoral gratuita. **Soletras**, ano 7, n. 13. São Gonçalo: UERJ, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/13/10.pdf>>. Acesso em: ago. 2014.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.